
A IDIOSSINCRASIA COMO REQUISITO PARA A ENTRADA NO LÉXICO*

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa**

Resumo

The exhibition of idiosyncrasic features is the condition for an item to be entered in the lexicon. In this paper we hypothesize that this is a essential theoretical device if we conceive a language as something fully regular, and look at the irregularities with some kind of scorn.

1. Se procuramos responder à pergunta "Que é o léxico?", uma possível resposta que se nos apresenta é: "São as palavras da língua". Ou ainda: "É a parte da gramática que trata das palavras de uma língua".

* Agradeço às Profs. Lucinda Ferreira Brito, Myriam A. de Freitas e Miriam Lemle a discussão de tópicos deste trabalho.

Agradeço ainda à UFRJ e à CAPES a criação de condições que me possibilitaram a participação no Encontro.

** Dep. Linguística e Filologia - Rio do Janeiro - Brasil.

A idiossincrasia como requisito para a entrada no léxico

Ambas as respostas, embora muito singelas, traduzem os significados que podemos atribuir ao termo *léxico*, a saber, a) 'dicionário'; b) 'componente lexical'.

A ambiguidade no uso dos termos é sistemática e fala não somente das palavras que existem - i.e., do dicionário - mas das suas relações, também das palavras potenciais de uma língua - i.e., dos subcomponentes de regras morfológicas⁽¹⁾.

2. Em geral, o que une as definições de léxico propostas por vários autores é a afirmação de que nele se reúne a idiossincrasia. Podemos constatá-lo lendo Aronoff (1976), Bauer (1983), Anderson (1985), Coates (1987)⁽²⁾, por exemplo.

Segundo Aronoff (1976:45), a apresentação da idiossincrasia como requisito à entrada no léxico foi feita pela primeira vez na monografia de Karl E. Zimmer (1964) *Affixal Negation in English and Other Languages: An Investigation of Restricted Productivity* (*Word*, vol. 20, nº 2, suplemento, agosto 1964. p. 105). Mas, se levarmos em conta um contexto teórico diverso, já encontramos em Bloomfield (1933:274) o léxico caracterizado como "uma lista de irregularidades básicas".

A idiossincrasia é o traço que, ao fim e ao cabo, leva Chomsky (1970) a rever o problema das nominalizações e a retirar-lhes o tratamento transformacionalista: o alto grau de irregularidade dessas formas criava muitos percalços para as regras transformacionais, uma vez que elas pressupõem a total produtividade dos processos que buscam descrever.

A idiossincrasia pode ser concebida como a aquisição ou perda de traços - semânticos, fonológicos ou sintáticos - por parte de um item lexical, fenômeno que o torna, de algum modo, irregular. É, portanto, um fenômeno que se estabelece "no tempo". E, efectivamente, Aronoff (1976:19) assim a interpreta, ao sugerir que

... as grandes irregularidades não são características das palavras novas que um falante cria simplesmente porque, como não existem há muito, tais palavras não vieram a ter qualquer oportunidade de fixar idiossincrasias.

E que são as *palavras novas*? Basicamente, aquelas que resultam da aplicação de Regras de Formação de Palavras (RFPs). Dito de outro modo: o resultado de regras de formação vocabular que, se podem ser aplicadas, é porque possuem algum grau de produtividade. Essas palavras novas, se não exibem traços marcados como excepcionais, não são listadas no léxico⁽³⁾.

"Uma forma complexa que é gerada em concordância com regras produtivas não requereria uma entrada lexical" – afirma Bauer (1983:194). E completa: "As próprias regras, em combinação com as entradas lexicais para a base e o afixo (ou raízes, no caso dos compostos), seriam suficientes para especificar o significado e o comportamento da nova forma." (Bauer, *id. et ib.*).

Aronoff (1976:45) vai ainda mais longe:

As classes mais produtivas nunca têm de ser listadas... Nem haverá qualquer lacuna esporádica, uma vez que o conceito de lacuna pressupõe uma lista, e não temos lista. Nem sofrerão deriva semântica, porquanto a própria deriva semântica pressupõe que o item que sofre deriva esteja listado no léxico.

Assim, *idiossincrásico*, *irregular* e *não produtivo* são termos que apresentam estreita relação; por sua vez, *produtivo* pressupõe *regular* e vice-versa.

3. A existência de idiossincrasia como requisito para a entrada no léxico traz consigo, no entanto, consequências indesejáveis para o modelo.

Em primeiro lugar, itens não listados tampouco estão disponíveis para servirem como bases para novas criações vocabulares. Isto significa, como nos diz Scalise (1984:163), que "nunca encontraríamos palavras com

A idiossincrasia como requisito para a entrada no léxico

mais de um afixo produtivo, embora tais palavras sejam, de fato, bastante comuns." E exemplifica com derivados ingleses em *-ness* a partir de bases em *-less*. Podemos acrescentar exemplos do português: na fala informal carioca é possível formar derivados em *-ão* a partir de derivados em *-udo*, como em (1) abaixo:

(1)	barbudão	'muito barbudo'
	cabeludão	'muito cabeludo'
	maçudão	'muito maçudo ('maçador)'
	massudão	'muito massudo ('espesso, compacto)'

Uma outra implicação dessa proposta é a de que itens semanticamente transparentes, formados por regras produtivas, não poderiam sofrer alteração de significado, uma vez que não estariam no léxico (Basílio, 1980:47). Exemplificamos, novamente, com a fala informal carioca. Alguns derivados em *-ão* aumentativo, a despeito da produtividade dessa regra no uso informal falado, podem ser interpretados de modo não previsível a partir de sua composicionalidade. Assim, termos como *orelhão*, *frescão*, *sapatão* podem ser interpretados não como 'aumentativo de X', onde X representa a base, mas como 'telefone público', 'ônibus provido de ar condicionado', 'homossexual feminino', respectivamente.

Há, no entanto, um ponto mais delicado, que diz respeito às alterações que gradualmente podem ser efetuadas numa língua e que trazem para primeiro plano a distinção entre os mecanismos flexional e derivacional.

Trabalhos recentes, como, por exemplo, Bybee (1985) e Dressler et alii (1987), têm enfatizado as semelhanças entre ambos os processos, tratando-os não como classes distintas de fenômenos, mas como um contínuo. Tal enfoque, contudo, não conduz, necessariamente, a uma concepção das entradas lexicais diferente daquela de que vimos tratando, como se pode constatar na observação que citamos a seguir, feita por Dressler e Mayerthaler (Dressler et alii, 1987:6):

... a flexão usa tipicamente procedimentos que se baseiam em processamento, ao passo que as regras de formação de palavras (RFPs) resultam tipicamente em armazenamento no léxico.

.....
o léxico contém apenas formas armazenadas (palavras); todas as palavras derivadas aceitas estão em estoque, mas há certas palavras complexas, derivadas por meio de RFPs, que não são armazenadas (e.g. 'occasionalism', 'nonce forms', compostos *ad hoc*).

A mudança linguística pode fazer com que formas originariamente flexionais sofram lexicalização. Desse modo, desinências mudam-se em afixos, e o vocábulo, como um todo, sai do paradigma flexional a que pertencia, podendo, mesmo, sofrer alteração de classe gramatical (cf. Rosa, 1988). Essas formas não poderiam estar listadas: são, *a priori*, produtivas; mais do que isso: são geradas por regras distintas das RFPs.

4. Os inconvenientes atrás apontados podem encaminhar-nos para o questionamento da necessidade de a idiosincrasia ser a condição *sine qua non* para uma entrada lexical ser estabelecida. Por outras palavras: vão todas as palavras para o léxico ou somente algumas, que apresentam algum traço especial?

Creemos não residir nessa questão o problema maior, uma vez que ele é decorrência de um outro, esse sim, central.

É inegável que a idiosincrasia é a característica mais evidente do léxico, contrapondo-o aos demais subcomponentes da gramática; contudo é tratada como se não devesse existir. O léxico 'dicionário', tal como tem sido concebido, é uma solução necessária a partir da hipótese de que a língua, se não é totalmente regular, deveria sê-lo. É isto que o modelo Item e Processo (IP) procura demonstrar⁽⁵⁾. E consegue fazê-lo com sucesso, se pensarmos nas hipóteses que vêm sendo propostas na linguística nas últimas três décadas. Esbarra, todavia, nos problemas que surgem ao se tentar dar

A idiosincrasia como requisito para a entrada no léxico

conta do conhecimento que um falante possui do vocabulário de sua língua. O léxico transforma-se, assim, no local onde se juntam, na gramática, os "mal comportados", isto é, todos aqueles que não mais podem ser interpretados a partir de sua composicionalidade, que apresentam, enfim, idiosincrasias de alguma ordem. Quanto aos demais itens, tenta-se abarcá-los através de regras. Mas, novamente, surgem problemas: a produtividade dessas regras é sempre relativa e somente *a posteriori* se pode saber de sua utilização. Põe-se em paralelo, então, a produtividade na sintaxe e a produtividade na morfologia...

Para finalizar: cremos que na busca de um modelo de análise adequado ao léxico reside o problema fundamental da morfologia tal como a concebemos.

NOTAS

- (1) Scalise 1984 insistentemente chama a atenção do leitor para a ambiguidade do termo. Note-se, porém, que enfoques diversos vêm sendo desenvolvidos. Bybee (1986), *e.g.*, ao propor que regras e representações sejam vistas como um contínuo, não distingue o léxico 'dicionário' do léxico componente morfológico. Propõe, ao contrário, que se considere a existência somente do léxico, onde as redes de conexões entre o material em estoque estariam espelhadas.
- (2) Reproduzimos aqui alguns desses autores:
 - a. Aronoff (1976:43): "... o repositório de todos os itens arbitrários de uma gramática... todas e apenas essas palavras que são excepcionais, isto é, arbitrárias em pelo menos um de seus vários traços, dá entrada no léxico."
 - b. Anderson (1985:III,4): "... a arbitrariedade é típica do léxico, que é, nesse sentido, o repositório do que é idiosincrásico e imprevisível acerca das formas linguísticas."

- c. Coates (1987:112): "Descrições produzidas por essas escolas de pensamento / que ignoram a dimensão de variação nos indivíduos / têm tido, por isso, tendência a maximizar as generalizações - isto é, a assumir, efectivamente, a produtividade como norma - e a deixar o léxico como o repositório de tudo que não possa ser atribuído aos efeitos de princípios gerais, isto é, a regularidades fonológicas, gramaticais e semânticas."
- (3) O resultado de uma regra produtiva pode ser listado no léxico (cf. Aronoff, 1976:115).
- (4) Observe-se a sinonímia entre *produtivo* e *regular* expressa por Coates no trecho que citamos a seguir (op. cit: 110): "An important question is whether the relations between such units / the parts of a lexeme / are semantically and grammatically regular, i. e whether those relations are productive."
- (5) Outros problemas respeitantes ao tratamento do léxico por meio de IP, focalizando regras e representações, foram levantados recentemente em Bybee 1986.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Stephen R. 1985. Typological Distinctions in Word Formation. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language Typology and Syntactic Description*, III: Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge, Gr. Brit.: University Press. 3 vol. vol 3. p. 3-56.
- _____. 1988. Morphological Theory. In: NEWMAYER, Frederick J. (ed). *Linguistics: The Cambridge Survey*, I: Linguistic Theory, Foundations. Cambridge, Gr. Brit.: University Press, 4 vol. vol 1. p. 146-191.
- ARONOFF, Mark. 1976. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: The MIT Press. 134 p.
- BASÍLIO, Margarida. 1980. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes. 128 p.

A idiossincrasia como requisito para a entrada no léxico

- BLOOMFIELD, Leonard. 1933. *Language*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1984. 564 p.
- BYBEE, Joan L. 1985. *Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. 234 p.
- _____. 1986. *Morphology as Lexical Organization*. mimeo. 31 p. (Milwaukee, Morphology Conference at University of Wisconsin, 1986).
- COATES, Richard. 1987. *Lexical Morphology*. In: LYONS, John et alii (eds). *New Horizons in Linguistics* 2. London: Penguin. 465 p. p. 103-121.
- DRESSLER, Wolfgang U. & MAYERTHALER, Willi. 1987. Introduction. In: DRESSLER, Wolfgang U. et alii. *Leitmotifs in Natural Morphology*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. 168 p. p. 3-22.
- JACKENDOFF, Ray. 1975. Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon. *Language*, Baltimore, 51 (3) 639-671, Sept.
- SCALISE, Sergio. 1984. *Generative Morphology*. Dordrecht: Foris. 237 p.
- VILLALVA, Alina & ROSA, Maria Carlota. 1987. A produtividade das regras de formação de palavras. mimeo. 11 p. (Lisboa, 3º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística).
- ROSA, Maria Carlota. 1988. Flexão e derivação. algumas questões acerca do componente morfológico da gramática. mimeo. 5 p. (Lisboa, Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística - Homenagem ao Prof. Lindley Cintra).